

**SUBDOMÍNIOS DE SIGNIFICAÇÃO
ASSOCIADOS AO TEMPO –
UMA PANORÂMICA GERAL**

TELMO MÓIA

0. Introdução

O tempo ocupa um lugar proeminente nas línguas naturais, ocorrendo de forma quase ubíqua nas produções linguísticas dos falantes. Se tomarmos como exemplo uma língua como o português, esta afirmação é facilmente comprovada verificando-se, por exemplo, (i) que com exceção das estruturas infinitivas, todas as frases possuem um verbo flexionado, ao qual se agregam marcas linguísticas temporais, (ii) que unidades lexicais como *depois*, *quando*, *hoje*, *ano*, *dia* ou *tempo*, entre outras, material essencial para a formação de expressões adverbiais temporais, se contam entre as palavras mais comuns da língua¹ ou (iii) que praticamente qualquer sucessão de frases

¹ Cf. o Inquérito de Frequência do Português Fundamental (Nascimento *et al.* 1987), que regista entre as duzentas palavras mais frequentes da língua algumas expressões de valor exclusiva ou predominantemente temporal – e. g., *já*, *depois*, *até*, *ano*, *agora*, *quando*, *ainda*, *sempre*, *dia*, *tempo*, *nunca*, *hoje*, *hora*, *altura*, *enfim*, *mês*, *noite* (por ordem decrescente de frequência) – bem como outras que, podendo ter um valor temporal, veiculam também, muitas vezes, valores de outros domínios semânticos – e. g., as preposições *a*, *de*, *em* ou *por*, os advérbios *aí*, *aqui* ou *então*, os verbos *estar*, *haver*, *ir* ou *vir*.

reflecte um encadeamento temporal – envolvendo avanços, paragens e retrocessos narrativos –, mesmo na ausência de marcadores temporais explícitos. Estes três exemplos ilustrativos do relevo linguístico do tempo atestam ainda o facto importante de este valor semântico se manifestar em múltiplos subsistemas gramaticais, desde o dos afixos ao das relações temporais discursivas (com ou sem marcadores explícitos), passando pelo dos predicados verbais, nominais, adjectivais e adverbiais, dos conectores preposicionais e conjuncionais, das proformas e das expressões sintagmáticas (nominais ou adverbiais, por exemplo).

Do ponto de vista semântico, importa acentuar a ideia de que o tempo constitui um domínio linguístico diverso, que se pode organizar em vários subdomínios de significação. Estes subdomínios interagem frequentemente de forma muito intensa e apresentam fronteiras que nem sempre é fácil definir com precisão. Em termos gerais, parece-me que é ainda em grande medida uma questão em aberto qual a estruturação mais elegante e vantajosa, do ponto de vista linguístico, do domínio temporal, situação que certamente se relaciona com o facto de muitos aspectos linguísticos relevantes não se encontrarem ainda suficientemente explorados, apesar do volume impressionante de trabalhos publicados nesta área. Com esta reserva em mente, procurarei no presente texto identificar e caracterizar sucintamente algumas grandes áreas de significação que me parece útil distinguir numa abordagem global das questões temporais. Simultaneamente, referirei, nos casos relevantes, alguns aspectos que permitem estabelecer subdivisões importantes dentro destas áreas. Em relação a cada uma delas, focarei ainda aspectos essenciais do modo como os valores em causa são marcados linguisticamente, no português, interligando assim a questão conceptual – «de que falamos quando falamos de tempo?» – com a questão formal – «como falamos de tempo?» (nas interrogações lapidares de João Peres, c.p.).

1. A referência temporal

As línguas naturais permitem referir objectos de natureza temporal de diferentes tipos. De entre eles, destacam-se os **intervalos**, parcelas do eixo do tempo, como os dias ou os anos do calendário, e as **quantidades de tempo**, como meia hora ou século e meio, concebíveis como propriedades de intervalos (cf. Kamp e Reyle 1993: 648). Nesta área, importa ainda considerar a referência a **situações**, entidades que, não sendo essencialmente temporais, integram uma dimensão temporal de excepcional relevância linguística.

1.1. A referência a intervalos de tempo

A referência a intervalos faz-se tipicamente através de sintagmas, por vezes de grande complexidade estrutural, que designarei como **expressões denotadoras de intervalos**. São exemplo desta categoria linguística *1989, o ano de 1989, o último ano da década de 80, o ano em que ocorreu a Queda do Muro de Berlim* – quatro expressões sinónimas que ilustram a diversidade de processos de nomeação usados na referência temporal – ou ainda *hoje, o fim-de-semana passado, o período antes das eleições, o dia para quando as eleições foram marcadas, o Período Jurássico*. Como se pode verificar, estes sintagmas são, em muitos casos, construídos a partir de núcleos lexicais de valor temporal, como *ano, fim-de-semana, dia* ou o hiperónimo *período*, que podemos designar como **nomes de intervalos**.

Do ponto de vista referencial, importa fazer uma divisão na classe das expressões denotadoras de intervalos. Os exemplos dados no parágrafo anterior ilustram a subclasse das expressões denotadoras de intervalos **básicas**, no sentido em que a sua denotação é estritamente temporal, independentemente do contexto em que ocorrem (facto que resulta, em última análise, do carácter intrinsecamente temporal dos seus núcleos sintácticos). A elas opõem-se outras, que podemos designar expressões denotadoras de intervalos **derivadas** (ou, seguindo uma sugestão terminológica de João Peres, c. p., **expressões supridoras de tempo**). Trata-se de sintagmas que denotam basicamente entidades de categorias ontológicas não temporais, como situações ou indivíduos comuns, mas que adquirem em determinados contextos – em particular, quando complementam preposições temporais – propriedades referenciais próximas das dos denotadores básicos. São exemplo desta subclasse: (i) expressões situacionais como *a Segunda Guerra Mundial* ou *o museu reabriu*, em frases como *o Paulo viveu no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, o número de turistas na cidade aumentou muito desde que o museu reabriu* e (ii) expressões denotadoras de indivíduos comuns como *Roosevelt*, em frases como *Clinton foi o primeiro presidente democrata a ser reeleito desde Roosevelt*. Note-se que, nestes três últimos exemplos, as expressões em causa equivalem grosso modo a expressões denotadoras de intervalos básicas (com hiperónimos temporais como núcleo): *o período em que a Segunda Guerra Mundial decorreu, a altura em que o museu reabriu e a altura em que Roosevelt foi reeleito*, respectivamente.

Como já foi brevemente referido, a identificação de intervalos pode envolver diferentes processos de nomeação, com reflexos na complexidade estrutural, bastante variável, dos sintagmas temporais relevantes. Alguns pro-

cessos proeminentes são: (i) a **nomeação a partir de fronteiras temporais** (limites do intervalo), (ii) a **nomeação a partir de pontos de ancoragem temporal** (exteriores ao intervalo) e (iii) o que, por contraste com os outros dois processos, designarei como **nomeação simples**. No primeiro caso, recorre-se frequentemente a sintagmas complexos encabeçados pelas preposições *entre*, *antes* e *depois*, consoante o intervalo seja definido a partir das suas duas fronteiras, da sua fronteira superior ou da sua fronteira inferior, respectivamente – *entre 1980 e 1985*, *antes das eleições*, *depois do fim do ano*. No segundo caso, são muitas vezes utilizados sintagmas com conectores próprios, como *há (atrás)*, *de...a* ou *antes e depois* modificados por expressões de medição ou contagem – *há três horas (atrás)*, *daqui a um ano*, *três horas antes do início do espectáculo*, *um ano após as eleições*, *três aulas depois do exame*. Este segundo processo pode envolver uma de duas operações distintas: **medição** de tempo a partir de um ponto de ancoragem – como em *há três horas (atrás)* – ou **contagem** de entidades temporalmente ordenadas (intervalos, situações ou indivíduos comuns) a partir desse ponto – como em *há três fins-de-semana (atrás)*, *há três aulas (atrás)* ou *há três paragens de autocarro (atrás)*. Quanto ao terceiro processo, é ilustrado por expressões comparativamente mais simples como *(o ano de) 1989*, *o século XX* ou *(o dia) 6 de Agosto de 1945*. Note-se que na distinção destes três processos não se teve em conta o carácter básico ou derivado das expressões denotadoras de intervalos envolvidas. Na realidade, qualquer dos três processos pode envolver expressões destes dois tipos, podendo ainda ser subclassificado como **dependente** ou **independente de situações**, consoante esteja ou não envolvida uma expressão situacional (que é sem dúvida o tipo mais relevante, dentro das expressões supridoras de tempo). A **nomeação dependente de situações** do tipo (i) é ilustrada pelo sintagma *antes das eleições*, a de tipo (ii) pelos sintagmas *três horas antes do início do espectáculo*, *um ano após as eleições* ou *três aulas depois do exame* e a de tipo (iii) pode ser ilustrada por SNs basicamente temporais com orações relativas (de que as encabeçadas por *quando* são um tipo especial) ou por qualquer expressão supridora de tempo – *o ano em que caiu o muro de Berlim*, *o dia para quando as eleições foram marcadas*, *quando Clinton era presidente* ou, em contextos de subordinação temporal, *a Segunda Guerra Mundial e o museu reabriu*.

As expressões que denotam intervalos distinguem-se de outras, próximas, que localizam situações no tempo (cf. secção 4). Dois exemplos simples que permitem distinguir com clareza estas duas categorias são *1990* e *em 1990*. A primeira, nome de um ano do calendário, e portanto uma expressão

denotadora de intervalos, pode ocorrer, ao contrário da segunda, como complemento de um verbo como *datar (de)* ou de uma preposição como *desde*, por exemplo – *o quadro data de (*em) 1990, o quadro está no museu desde (*em) 1990*. Já a segunda é um localizador temporal puro, podendo, ao contrário da primeira, aplicar-se directamente a uma frase e posicionar no tempo a situação por ela representada – *o museu esteve encerrado *(em) 1990*. Um facto interessante, que se verifica em muitas línguas, é que um subconjunto de expressões (variável de língua para língua) pode, sem variação de forma, cumprir as duas funções: denotar intervalos e localizar situações. Esta ambivalência reflecte-se sintacticamente na possibilidade de as expressões em causa ocorrerem nos contextos típicos das duas categorias, exemplificados acima. Em português, são ambivalentes, por exemplo, algumas expressões relativamente simples, como *hoje*, *Sábado* e *a semana passada*, e as expressões complexas formadas com os conectores temporais *entre*, *depois*, *antes*, *há (atrás)*, *de...a* e *quando*. Repare-se que qualquer destes sintagmas pode ocorrer quer nos contextos típicos de expressões denotadoras de intervalos (como *1990*) quer nos contextos típicos de localizadores temporais puros (como *em 1990*): *o problema não data de hoje vs. o museu esteve encerrado hoje; o problema data de antes da guerra vs. o museu esteve encerrado antes da guerra; o problema data de há três anos (atrás) vs. o museu esteve encerrado há três anos (atrás)*. A existência destas **expressões ambivalentes de localização temporal e denotação de intervalos** evidencia a dificuldade de definir com precisão a fronteira entre duas categorias conceptualmente distintas: as expressões denotadoras de intervalos, que simplesmente identificam intervalos (e de que trata esta secção), e as expressões adverbiais de localização temporal, que situam acontecimentos no tempo (e de que nos ocuparemos na secção 4). Em outros trabalhos, defendi uma análise destas formas ambivalentes como meras expressões denotadoras de intervalos, postulando que, quando ocorrem em posição adverbial, são precedidas de uma preposição nula com o valor de *em* – *o museu esteve encerrado \emptyset_{em} {hoje / antes da guerra / há três anos (atrás)}* (cf. Mória 2000).

Para terminar, saliente-se que a referência a intervalos ocupa um lugar preponderante na expressão do tempo nas línguas naturais, o que em grande medida se deve à sua relevância para a localização temporal de situações, operação praticamente omnipresente nos discursos das línguas naturais (cf. secção 4). Além de permitirem expressar a localização temporal, os intervalos de tempo podem ser também objecto de simples predicção, como nas frases *1980 foi um ano bissexto*, *Abril tem 30 dias* ou *os meses de Março e Abril foram anormalmente quentes*.

1.2. A referência a quantidades de tempo

Incluí na grande área da referência temporal a designação de quantidades de tempo (a qual poderia igualmente ter sido destacada como área autónoma de **quantificação sobre o tempo**). Diversas teorias semânticas, como a Teoria da Representação do Discurso (cf. Kamp e Reyle 1993), tratam as quantidades de tempo como uma categoria ontológica primitiva do universo de discurso, independente da categoria dos intervalos. A separação parece vantajosa, do ponto de vista do tratamento da informação linguística, na medida em que as expressões que consubstanciam esta categoria – os **predicados de quantidades de tempo** – têm formas e comportamentos próprios. Quanto à forma, os predicados em causa identificam-se pela presença de um núcleo nominal pertencente a um subconjunto específico de nomes, que inclui os chamados «nomes de medida temporal» – e. g., *segundo, minuto, hora, dia, semana, mês, ano, século, milénio* – e o substantivo hiperonímico *tempo*. São estes **nomes de quantidades de tempo** que, uma vez quantificados, formam os sintagmas através dos quais se identificam as quantidades de tempo e que são, por vezes, de grande complexidade estrutural – *um minuto, três horas, ano e meio, muitos séculos, pouco tempo, um abrir e fechar de olhos, uma eternidade, o tempo médio de vida de uma tartaruga marinha, mais tempo (do) que o que levou a construir o Empire State Building*.

A subclasse dos predicados de quantidades de tempo é semanticamente próxima da das expressões denotadoras de intervalos (que, numa acepção lata, inclui também os **predicados de intervalos**, i.e. as expressões que representam conjuntos de intervalos, como *domingos* ou *fins-de-semana*). Aquela distingue-se por identificar quantidades de tempo independentemente da sua possível projecção em intervalos particulares do eixo temporal. Em muitos casos, esta diferença é evidente, não se colocando problemas de categorização. Comparem-se, por exemplo, as expressões *sessenta minutos* e *o período entre as 10 e as 11 da manhã*, que ilustram cada uma destas classes, respectivamente. Noutros casos, porém, a diferença é talvez menos nítida. Dois factos, entre possivelmente outros, podem estar na origem desta situação: (i) a existência de um subconjunto de expressões que têm os mesmos núcleos nominais que os predicados de quantidades de tempo, mas que são denotadoras de intervalos, como *os últimos vinte minutos*, e (ii) a ambiguidade sistemática de alguns sintagmas nominais, como *dois anos*, que podem funcionar quer como predicados de quantidades de tempo quer como predicados de intervalos quantificados.

O primeiro facto decorre da possibilidade de ancorar predicados de quantidades de tempo no eixo temporal (ou, mais especificamente, de esses

predicados constituírem o núcleo de um sintagma que, na presença de outros elementos linguísticos, define um ou mais intervalos específicos). Tal acontece, por exemplo, em estruturas (já mencionadas na secção anterior) em que se mede tempo a partir de um ponto de ancoragem, como *os últimos dez minutos*, *os dez minutos que se seguiram ao fecho das urnas*, *os dez minutos em que estive na sala de espera do aeroporto* ou a expressão anafórica *esses dez minutos*. É evidente que, nestes casos, com quantificação definida, se identificam intervalos específicos, pelo que – por definição – estamos perante expressões denotadoras de intervalos e não predicados de quantidades de tempo. Todavia, estes sintagmas, contendo predicados de quantidades de tempo em posições nucleares, estão na origem de alguns problemas de categorização na literatura, nomeadamente a classificação das expressões adverbiais em que eles se integram – que são localizadores temporais – como expressões ambivalentes de duração e localização temporal (cf. secção 6 e Móia 2000). Refira-se ainda, como curiosidade, que as expressões denotadoras de intervalos podem também conter predicados de quantidades de tempo em posições não nucleares, caso em que é porventura mais claro não se tratar de expressões de duração – *um exame de dez minutos* (em contexto de subordinação temporal), *dez minutos antes do exame*, *daqui a dez minutos*.

Quanto ao segundo facto, decorre de uma importante **ambiguidade lexical** envolvendo nomes de quantidades de tempo homónimos de outros que designam tipos de intervalos. Entre estes, destacam-se os que identificam as unidades de tempo relativamente extensas, como *dia*, *semana*, *mês*, *ano*, *século* ou *milénio* (já que os que identificam unidades menores, como *segundo*, *minuto* ou *hora*, funcionam essencialmente como nomes de quantidades de tempo). Assim, por exemplo, a palavra *ano* tanto pode remeter para uma quantidade de tempo equivalente a 365 dias (independente, por definição, da sua correspondência ou não a intervalos contínuos com pontos iniciais e finais definidos) como para um tipo de intervalo específico (anos do calendário, com início a 1 de Janeiro e fim a 31 de Dezembro, ou outros, como os anos lectivos e os anos judiciais). A ambiguidade lexical em causa pode projectar-se em níveis sintácticos superiores, sintagmáticos ou mesmo frásicos. Por exemplo, no nível dos SNs, uma expressão como *dois anos* pode referir (i) um período qualquer de cerca de 730 dias (e. g., o que medeia entre 25 de Abril de 1974 e 25 de Abril de 1976), caso em que se classifica como predicado de quantidades de tempo, ou (ii) dois intervalos compreendidos entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro, i. e., dois anos do calendário (e. g., 1980 e 1985), caso em que se classifica como um sintagma com um predicado de intervalos quantificado. No nível adverbial, um sintagma como *em dois*

anos pode expressar ou duração ou localização temporal complexa (cf. secção 5). Veja-se a frase *o Paulo deu uma volta à França em bicicleta em dois anos*, que pode significar «dois anos foi o tempo que o Paulo levou a concluir a volta à França» (sendo *em dois anos* uma expressão de duração) ou «houve dois anos distintos do calendário em que o Paulo deu uma volta à França» (sendo *em dois anos* uma expressão de localização complexa, dado que envolve repetição do evento descrito na estrutura matriz).

A referência a quantidades de tempo ocupa um lugar de destaque na expressão temporal nas línguas naturais, surgindo numa grande variedade de construções e permitindo veicular informações de diferentes subdomínios de significação. De entre estes, destacarei quatro. Um deles – a identificação de intervalos de tempo, por medição a partir de pontos de ancoragem temporal – já foi mencionado. Os outros três serão analisados com mais pormenor adiante, em secções próprias (6, 7 e 8, respectivamente). São eles: (i) a duração (e. g., *o Paulo esteve maldisposto durante umas horas*), (ii) a expressão de distâncias temporais entre entidades (cf. *entre o lançamento do telescópio espacial e a recepção das primeiras imagens mediarão três semanas*) e (iii) a quantificação de medição temporal de situações (*duas horas de viagem num autocarro cansam imenso*). Além disso, os predicados de quantidades de tempo podem ainda ser objecto de simples predicação, como argumentos de certos predicados verbais ou nominais: *24 horas é o tempo que a Terra leva a dar uma volta completa sobre si mesma* (predicação equativa), *o Tempo de Planck são 10^{-43} segundos, uma hora tem 3600 segundos, uma hora é muito tempo para ficar aqui à tua espera!, três horas passam depressa*.

2. A estrutura temporal de entidades complexas

É possível identificar uma dimensão temporal em objectos de diferentes categorias ontológicas referidos nos discursos das línguas naturais. Por exemplo, indivíduos comuns, como os seres humanos, apresentam fases temporais distintas (nascimento, infância, idade adulta, velhice, morte), intervalos, como os dias da semana, são divisíveis em parcelas temporais (manhã, tarde, noite), situações, como escrever um livro, são analisáveis em segmentos temporais distintos (preparação, conclusão, pós-conclusão). Do ponto de vista linguístico, a estrutura temporal das situações assume especial relevância, em particular no que respeita às propriedades cobertas na literatura pelo termo *Aktionsart*, ou **aspecto lexical**, que analisarei com algum pormenor adiante. Outro conceito linguístico que podemos talvez acomodar dentro desta gran-

de área de significação é o de **estádio** (de indivíduos comuns ou de espécies), discutido em trabalhos como Milsark (1977) e Carlson (1977), dado que envolve directamente uma segmentação temporal de entidades. A **identificação de subpartes de intervalos e situações**, mediante estruturas de complementação ou modificação nominal ou mediante verbos ditos aspectuais, constitui ainda uma operação com bastante relevo linguístico que, numa perspectiva lata, cabe dentro da área em análise. Consideremo-la muito brevemente. A estrutura temporal dos intervalos – e bem assim das situações – pode ser evidenciada com o uso de nomes relacionais como *princípio*, *meio*, *fim* ou estruturas predicativas complexas como *fase inicial*. Estes predicados comportam-se como operadores que projectam intervalos (ou situações) em subintervalos, contribuindo para a formação de expressões denotadoras de intervalos complexas – cf. *o princípio de 1980*, *(o) meio da noite*, *o fim do próximo ano*, *a fase inicial da conversa*. Na realidade, a generalidade dos nomes de intervalos pode ter uma função semelhante, identificando partes de unidades cronológicas mais extensas (expressas sintacticamente em posição de complementação) – cf. *tarde* (em *a tarde de domingo*), *dia* (em *um dia da semana passada*) ou *fim-de-semana* (em *um fim-de-semana de 1980*). Uma parte dos chamados verbos auxiliares aspectuais tem uma função restritiva comparável (mas operando apenas sobre situações). Trata-se do subconjunto que Peres (1993) designa como «redutores de situações», de que são exemplo *acabar de* ou (num dos seus valores) *começar a* e *estar a*. Assim, *acabar de fazer o jantar*, por exemplo, pode identificar a fase final da situação designada por *fazer o jantar*, estabelecendo-se entre estas duas expressões uma relação comparável à que existe entre *o final da confecção do jantar* e *a confecção do jantar*.

No resto desta secção, cingir-me-ei à *Aktionsart*, domínio semântico crucial, cuja expressão é particularmente complexa. Em primeiro lugar, importa referir que o termo tem sido usado para cobrir pelo menos três tipos de propriedades intrínsecas de situações que são de natureza essencialmente temporal: a pontualidade, a telicidade e a homogeneidade (cf. Peres 1998)². A primeira propriedade permite distinguir **situações pontuais e impontuais**. A diferença entre elas reflecte-se, por exemplo, na capacidade ou incapacidade de combinação com expressões de duração – **o Paulo achou acidentalmente esta moeda de ouro durante dois anos* (pontual) vs. *o Paulo foi dono desta*

² A iterabilidade é possivelmente outra propriedade intrínseca de situações que importa relacionar com estas, mas que não considero aqui por não envolver directamente a «estrutura temporal» (no sentido em que esta expressão está aqui a ser usada) – cf. nota 4.

moeda de ouro durante dois anos (impontual). A segunda propriedade permite distinguir **situações télicas e atélicas**, isto é, com ou sem uma culminação intrínseca (ou «telos»), respectivamente (cf. Garey 1957). A diferença entre elas reflecte-se, por exemplo, na combinação com expressões de duração encabeçadas por preposições distintas – *o Paulo resolveu o problema em cinco minutos* (télico) vs. *o Paulo reflectiu sobre o problema durante cinco minutos* (atélico). A terceira propriedade permite distinguir **situações totalmente homogéneas, relativamente homogéneas e heterogéneas**, consoante da verificação da situação num dado intervalo t se possa deduzir a verificação da mesma situação em todos os subintervalos de t (incluindo os instantes pontuais), em todos os subintervalos de t mas só até um certo grau de granularidade, ou em nenhum subintervalo de t , respectivamente (cf. Eberle 1998). Assim, *ter cabelos louros* identifica uma situação totalmente homogénea, *nadar* uma situação relativamente homogénea (visto que envolve um conjunto mínimo de acções, com alguma duração) e *escrever um livro* uma situação heterogénea. As diferenças em causa têm enorme relevância linguística, reflectindo-se quer na distribuição das expressões situacionais relevantes, quer nas inferências que elas legitimam (cf., e. g., Vendler 1967, Dowty 1979, Moens 1987 e Peres 1998).

Propriedades semânticas como as que acabei de descrever, em conjunto com as propriedades distribucionais que reflectem essas diferenças, têm sido usadas na literatura para propor subclassificações das expressões situacionais, que são agrupadas em distintas **classes aspectuais** (ou classes de *Aktionsart*). A mais conhecida é sem dúvida a tipologia quadripartida de Vendler (1967), que distingue **estados** (situações totalmente homogéneas, atélicas e impontuais), como *possuir uma moeda, estar no escritório, estar doente, ser feliz* ou *amar alguém*, **actividades** (situações relativamente homogéneas, atélicas e impontuais), como *reflectir sobre um problema, nadar, correr* ou *chover*, «**accomplishments**» (situações heterogéneas, télicas e impontuais), como *resolver um problema, escrever este relatório* ou *correr cem metros*, e «**achievements**» (situações trivialmente heterogéneas, télicas e pontuais), como *achar acidentalmente uma moeda de ouro, nascer* ou *atingir o topo da montanha*³. O termo **evento** é usado por alguns

³ As classes «accomplishments» e «achievements» são frequentemente referidas na literatura portuguesa com os termos ingleses não traduzidos. Alternativamente, são também usados os termos portugueses «processo culminado» e «culminação», respectivamente (a par de «processo», em vez de «actividade»), vulgarizados, nos seus equivalentes ingleses, por Moens (1987). Note-se que Moens distingue ainda dois tipos de situações pontuais – as «culminações» (propriamente ditas) e os «pontos» –, facto que aqui não terei em conta.

autores para designar todas as situações não-estativas e por outros, com um sentido mais restrito, para designar todas as situações télicas. Usá-lo-ei doravante neste sentido mais restrito, referindo «eventos impontuais» e «eventos pontuais» em vez de «accomplishments» e «achievements», respectivamente.

Quanto à marcação linguística dos valores aspectuais em causa, importa referir que – tratando-se de valores de expressões situacionais – eles são relevantes desde o nível mais básico dos predicados situacionais (verbais ou nominais) ao das frases no seu todo, passando pelo nível dos sintagmas verbais e nominais construídos a partir daqueles predicados. Assim, podemos distinguir predicados de estado como *permanecer* ou *permanência*, predicados de actividade como *correr* e predicados de evento pontual como *morrer* ou *morte*; os eventos impontuais são geralmente representados apenas no nível sintagmático, em sequências como *construir o edifício* ou *a construção do edifício*. É crucial notar que, quando combinamos estas expressões nucleares com outras para formar sintagmas de complexidade superior, o valor aspectual do sintagma maior não tem de coincidir necessariamente com o da expressão nuclear. Assim, por exemplo, *correr* representa uma actividade, mas *correr cem metros* representa um evento (impontual), *estar em Lisboa* é uma expressão estativa, mas *estar em Lisboa durante um mês e meio* tem características eventivas, *ir ao cinema* é uma expressão eventiva, mas *ir ao cinema três vezes por semana* pode ser tratada como a descrição de uma situação complexa com propriedades atélicas (cf. secção 9). Esta questão é referida na literatura como **composição aspectual** (cf., e. g., Verkuyl 1972, 1993). Assim, na determinação do valor aspectual de uma sequência, interessa considerar não só o contributo do núcleo predicativo, mas também o contributo – por vezes determinante – de outras expressões, entre as quais se destacam os quantificadores (presentes em argumentos), os sufixos temporais, os operadores de negação e as expressões adverbiais de tempo, entre outras. O conceito de **comutação aspectual** (ou «Aktionsart shift») está intimamente relacionado com o de composição aspectual, embora seja distinto dele. Uma comutação ocorre quando uma expressão da categoria aspectual X é «forçada» a mudar de categoria em resultado da sua combinação com uma dada expressão Y, referida como «comutador aspectual» (sendo tal mudança independente do valor aspectual do sintagma complexo XY). Consideremos, por exemplo, a sequência *estar a morrer*. Esta estrutura, no seu todo, identifica um estado, embora o predicado verbal *morrer* identifique basicamente um evento pontual, comprovando-se assim o facto, já mencionado, de que a composição sintáctica não preserva necessariamente o valor aspectual. No entanto, para que esta sequência faça sentido, *morrer* tem de ser interpretado, neste contexto,

não como um predicado pontual, mas sim como um predicado que identifica uma situação com duração (envolvendo um processo potencialmente conducente a uma culminação fatal). É a esta reinterpretação de *morrer* pontual como *morrer* impontual, por coerção de *estar a*, que se dá o nome de comutação aspectual (cf., e. g., Moens 1987). Esquemáticamente:

[*estar a [morrer]*]_{ACHIEVEMENT} → _{ACCOMPLISHMENT}]_{ESTADO}

3. A atribuição de padrões temporais de repetição (a situações)

Frequentemente, associamos às entidades referidas no discurso (em particular, às situações) um padrão de distribuição temporal. Por facilidade, o termo «padrão» será aqui entendido num sentido lato, um pouco abusivo, que cobre a ocorrência simples («episódica») e a repetição simples (expressa através de sintagmas como *de novo* ou *outra vez*). Assim, esta área de significação abrange valores como episódico, iterativo, habitual, genérico ou outros afins, tradicionalmente designados como aspectuais, e valores específicos de frequência.

A associação em causa pode ser feita directamente através de expressões adverbiais que definem padrões temporais de forma explícita, com um grau de precisão variável, como *repetidamente*, *habitualmente*, *assiduamente*, *ocasionalmente*, *raramente*, *de vez em quando*, *a intervalos regulares*, *de dez em dez dias* ou *anualmente*, ou ainda mediante predicados como *costumar* (de significado próximo do da expressão *habitualmente*). Na maior parte dos casos, porém, o padrão temporal relevante emerge ao nível da frase no seu todo – correspondendo segundo Peres (1993) a uma leitura, ou modo de realização temporal, da mesma – como resultado de uma interacção complexa de diferentes elementos, entre os quais se destacam o tempo verbal utilizado, a classe aspectual dos predicadores e a presença de certas expressões adverbiais. Repare-se, por exemplo, que o presente do indicativo frequentemente induz leituras genéricas (e. g., *o Paulo fuma*), que o pretérito perfeito composto do indicativo pode conferir um valor de iteração a situações não-estativas (e. g., *o Paulo tem visitado a mãe*) ou que uma expressão de duração pode conferir um valor de iteração a um evento pontual (e. g., *o Paulo espirrou durante cinco minutos*). Um subconjunto de verbos ditos auxiliares aspectuais, que Peres (1993) designa como «iteradores de situações», é particularmente relevante neste domínio. Observe-se, por exemplo, o efeito de *voltar a* em *o Paulo voltou a fumar*, de *deixar de* em *o Paulo deixou de visitar a família* ou de *continuar a* em *o Paulo continuou a levantar-se às 7 horas*.

Os padrões temporais não expressos directamente através de meios adverbiais são geralmente tratados como manifestações de uma categoria linguística própria, o **aspecto**. Nesta categoria, são considerados em conjunto com valores como perfectivo e imperfectivo (que é possível analisar no domínio da localização temporal por meios verbais – cf. secção 4), formando o chamado «aspecto gramatical», e com os valores de *Aktionsart*, que, como já foi mencionado, correspondem ao chamado «aspecto lexical» (ou «aspecto intrínseco»). Entre os valores aspectuais mais comumente referidos contam-se o **iterativo**, o **habitual** e o **genérico**. O valor **episódico** não é normalmente considerado em conjunto com os restantes, mas pode ser encarado como um valor neutro (cf. Peres 1993), em que não se foca a possibilidade ou impossibilidade de a situação se repetir, sendo por isso compatível quer com situações iteráveis – cf. *o Paulo casou em 1980* – quer com não-iteráveis – cf. *o Paulo nasceu em 1980*⁴. O valor episódico contrasta com o valor iterativo (que talvez fosse melhor designar, em algumas estruturas, como **iterado**), em que a repetição é assumida. Comparem-se as frases *o Paulo visitou a mãe ontem*, em que se refere uma situação episódica, *o Paulo visitou a mãe várias vezes*, em que se refere uma situação iterada, e *o Paulo tem visitado a mãe ultimamente*, em que se refere uma situação iterada com um grau de regularidade não explicitado. Note-se que os valores episódico e iterado (simples) se distinguem de valores como habitual e genérico por não corresponderem propriamente a padrões de repetição, no sentido usual do termo, antes envolvendo apenas a asserção da repetição ou não de uma dada situação.

Quanto aos valores expressos adverbialmente, através de sintagmas como *regularmente*, *de dez em dez dias* ou *semanalmente*, são geralmente considerados no domínio específico da **frequência**. No que respeita a esta subárea de significação, importa notar que os valores em causa são muitas vezes expressos de forma sintáctica complexa, em sequências como *três vezes por semana* ou *uma vez por ano*. Estas sequências integram dois sintagmas – um que explicitamente conta situações (*três vezes*, *uma vez*), outro que estabelece um

⁴ A **iterabilidade** é uma propriedade intrínseca de expressões predicativas – como *casar* (mas não *morrer*) – que corresponde a um atributo das situações que elas representam. Esta propriedade determina, por exemplo, a sua compatibilidade com quantificadores sobre eventos como *x vezes*, com expressões adverbiais como *de novo* ou com verbos aspectuais como *voltar a*. Nesta medida, a iterabilidade pode ser associada às três propriedades de *Aktionsart* referidas na secção 2 – pontualidade, telicidade e homogeneidade –, como propriedade intrínseca com forte componente temporal que permite distinguir «tipos de situações».

limite temporal a essa contagem (*por semana, por ano*) – e são tradicionalmente consideradas como uma unidade. Dado que neste texto distingo a delimitação temporal da quantificação como uma área de significação autónoma (cf. secção 9), voltarei a referir estas estruturas complexas adiante, em conjunto com outras de que penso ser útil aproximá-las. Deve salientar-se, a este propósito, que o domínio em análise nesta secção 3 se relaciona de forma muito íntima com pelo menos dois outros considerados adiante, na medida em que estes envolvem sistematicamente iteração de situações: a já referida delimitação temporal da quantificação, em particular, em frases que expressam valores de frequência, como *o ministro foi ao Parlamento três vezes por semana*, e a localização temporal complexa, expressa em frases como *o ministro vai ao Parlamento todas as quartas-feiras* (cf. secção 5). Note-se, aliás, que da última frase se pode inferir um padrão semanal de repetição de situações (a partir do conhecido padrão de repetição dos intervalos denotados por *quartas-feiras*), exprimível por *o ministro vai ao Parlamento semanalmente* ou *o ministro vai ao Parlamento de sete em sete dias*.

4. A localização temporal simples

A localização temporal consiste no posicionamento de entidades (e. g., situações) no eixo do tempo. É uma das operações temporais mais comuns, praticamente omnipresente nos discursos em língua natural. Pode corresponder a processos distintos. Por exemplo, pode envolver apenas a **localização relativa a pontos de perspectiva** definidos no eixo do tempo, como o momento da enunciação (o presente) ou um ponto situado nas esferas do passado e do futuro, definíveis a partir daquele momento. Assim, frases como *o Paulo está doente*, *o Paulo esteve doente*, *o Paulo vai estar doente* e *o Paulo estivera doente*, por exemplo, diferem na localização temporal, envolvendo, respectivamente, sobreposição ao presente, anterioridade ao presente, posterioridade ao presente e anterioridade a um ponto de perspectiva passado (contextualmente definido). O processo de localização em causa é marcado em português através de um subsistema gramatical composto essencialmente por sufixos verbais e verbos auxiliares (temporais), pelo que o referirei doravante como **localização por meios verbais**. A análise clássica deste subsistema é a proposta por Reichenbach (1947), da qual Peres (1993) faz uma adaptação ao português. Integra nove valores possíveis, resultado da combinação de três pontos de perspectiva – passado, presente e futuro – com três relações possíveis entre as situações representadas e esses pontos – ante-

rioridade, posterioridade e sobreposição. Note-se, a propósito, que a oposição (tradicionalmente considerada como aspectual) entre perfeito e imperfeito pode, pelo menos parcialmente, ser traduzida numa oposição entre tempos de sobreposição (imperfeitos) e tempos de anterioridade (perfeitos). Outro processo importante de localização, comparativamente mais preciso que o anterior, consiste em relacionar a entidade a localizar com intervalos particulares do eixo temporal, definidos por meios lexicais, como nas frases *o Paulo adoeceu ontem, o museu foi inaugurado em 1995 ou os quadros estarão no museu de Junho a Setembro de 2002*. Esta **localização relativa a intervalos de tempo** é marcada através de um subsistema gramatical distinto, composto por sintagmas de tipo adverbial (por vezes de grande complexidade estrutural), pelo que a referirei como **localização por meios adverbiais**. Note-se que «adverbial» deve ser aqui entendido em sentido lato, abrangendo não só as expressões que ocorrem em posição estritamente adverbial, como as dos exemplos já apresentados, mas também as que surgem em posição adnominal, como na frase *a inauguração do museu em 1995 foi um sucesso*. As sequências que marcam este valor podem ser designadas como **expressões adverbiais de localização temporal** (ou **localizadores temporais adverbiais**). Trata-se de sintagmas tipicamente compostos por um conector preposicional ou conjuncional (ou dois, em certos casos) – e. g., *em, durante, ao longo de, enquanto, desde, a partir de, até, de...a, desde...até* – e uma expressão denotadora de intervalos (ou duas, nos casos com dois conectores), como complemento. Em certos contextos, o conector de localização pode estar opcionalmente omissivo, como na frase *o Paulo esteve doente (em) a semana passada*. Como já foi dito na secção 1.1, a presença desta preposição nula pode também ser postulada, com óbvias vantagens para a economia do sistema gramatical, em todos os localizadores adverbiais que assumem superficialmente a forma de expressões denotadoras de intervalos. Assim, teríamos, por exemplo: *o Paulo esteve doente [em] {ontem / recentemente / antes das férias / quando esteve de férias / há três dias (atrás)}*. Uma consequência importante desta análise, proposta em Mória (2000), é excluir da classe de conectores que encabeçam localizadores temporais elementos como *antes* e *depois* (simples ou modificados por expressões de medição ou contagem), *entre, quando, há (atrás)* e *de...a*⁵, por exemplo, que passam a ser analisados, sempre, como

⁵ O conector complexo *de...a* é ambíguo. Em estruturas do tipo *aqui a cinco minutos ou de amanhã a quinze dias* forma expressões denotadoras de intervalos, em estruturas como *de 1980 a 1985* ou *de Janeiro a Junho* forma localizadores temporais.

conectores que encabeçam expressões denotadoras de intervalos (estruturalmente complexas). Neste ponto, convém acentuar que o termo «localização temporal (adverbial)» tem sido usado para referir não só a associação directa de situações com intervalos do eixo do tempo, como na maior parte dos exemplos dados acima, mas também a sua associação com outras situações (as quais remetem, por sua vez, para os intervalos em que se realizam), como nas frases *o Paulo leu o jornal enquanto a Ana preparou o jantar, o museu foi inaugurado durante a visita do ministro e os quadros estarão no museu até que se iniciem as obras de restauro*. Assim, nesta acepção alargada, o domínio da localização temporal integra as **relações temporais entre situações** expressas através de meios adverbiais, como nos exemplos acima. Integra ainda as relações temporais entre situações expressas em sequências de frases sem conectores temporais explícitos, como *O Paulo caiu. A Ana empurrou-o*. [anterioridade], *O Paulo caiu. O joelho sangrou*. [posterioridade], *O Paulo caiu. Estavam muitas pessoas perto dele*. [sobreposição] ou *O Paulo caiu. Instintivamente, levou a mão ao rosto para se proteger na queda*. [inclusão]. Estes quatro exemplos correspondem às **relações discursivas** (ou **relações retóricas**) de Narração, Explicação, Enquadramento («Background») e Elaboração⁶ (cf. Lascarides e Asher 1993), respectivamente, e ilustram a marcação de tempo em sequências de frases, que referirei como **localização por meios discursivos**. Penso que é no âmbito da localização, entendida neste sentido lato, que deve ser ainda tratado um tipo particular de relação entre situações – a **ordenação sequencial** – expressa adverbialmente através de sintagmas como *primeiro, seguidamente* (ou *depois*) e *por fim* (ou *por último*) –, que alguns autores distinguem como uma classe à parte (cf., e. g., Klein 1994: 149), ou através de verbos como *preceder* e *seguir-se* (a). Aos três meios gramaticais de marcar a localização temporal que já foram referidos – verbais, adverbiais e discursivos – importa ainda acrescentar um quarto, efectuado através de expressões predicativas complexas construídas com predicadores verbais como *ocorrer* ou *datar* e expressões denotadoras de intervalos argumentais: *a batalha de Waterloo ocorreu em 1815, a invenção da televisão data do período entre as duas guerras*. Por facilidade, referi-la-ei como **localização por meios argumentais**.

A localização temporal envolve três ingredientes básicos: a entidade localizada, o lugar da localização e o modo de localização, ou, nos termos mais

⁶ Note-se que a Elaboração, na medida em que reflecte a análise de uma situação em subcomponentes (situacionais), se relaciona também com a área de significação tratada na secção 2 («estrutura temporal de entidades complexas»).

simples de Peres (1993), o que localizamos, onde localizamos e como localizamos. A variação em qualquer destes elementos permite subclassificar a operação em causa. Assim, verifica-se, por exemplo, que as entidades localizáveis no tempo podem pertencer a distintas categorias ontológicas: situações (de longe o caso mais comum e aquele que é linguisticamente mais interessante), intervalos ou indivíduos comuns, como nas frases *a Ana casou em 1960* ou *o casamento da Ana em 1960 foi um sucesso, os fins-de-semana antes das eleições foram muito agitados e acabei de ler a biografia de um pintor do século XVI*, respectivamente. O lugar da localização varia bastante, como já vimos, em função do subsistema gramatical envolvido. Pode ser: um ponto de perspectiva (relativamente ao qual a situação é posicionada), na localização por meios verbais, uma situação (relativamente à qual outra é posicionada), na localização por meios discursivos, e um intervalo de localização propriamente dito (eventualmente definido a partir de uma situação), na localização por meios adverbiais. Este último caso, é particularmente diversificado. Como foi referido acima, os intervalos de localização podem ser identificados directamente através de nomes de intervalos – como *ontem* ou *1980*, por exemplo – ou, de forma mais indirecta, a partir da menção de situações ou, mais raramente, indivíduos comuns – como *a Segunda Guerra Mundial* ou *Roosevelt*. O intervalo de localização pode ainda ser definido ou indefinido, com óbvias consequências ao nível da precisão da informação veiculada. Comparem-se, por exemplo, as frases *o Paulo nasceu em 1980* e *a ponte ruiu durante o terramoto do ano passado* – que ilustram o que podemos designar como uma **localização definida** – com *o Paulo nasceu num ano bissexto* e *a ponte ruiu durante um terramoto*, respectivamente – que ilustram uma **localização indefinida**. Todos estes casos envolvem intervalos singulares e constituem o domínio tradicional da localização temporal (que aqui distingo com o epíteto «simples»). Os casos, relativamente mais complexos, que envolvem conjuntos de intervalos serão considerados na secção 5, no âmbito do que designarei localização complexa. Quanto ao último ingrediente da localização temporal – o modo de localização –, pode envolver um de vários tipos de relação, dependendo também do subsistema gramatical envolvido. Como já foi dito, a localização por meios verbais (pelo menos em línguas como o português e o inglês) parece envolver essencialmente três tipos de relação: a anterioridade, a posterioridade e a sobreposição. Já a localização por meios adverbiais envolve normalmente relações de sobreposição entre a entidade localizada e o intervalo de localização. Mais especificamente, estas podem corresponder à mera coincidência em pelo menos um ponto – a **localização de simples sobreposição** – ou a subtipos mais específicos, como

a inclusão – **localização inclusiva** – e a cobertura total do intervalo de localização pela situação localizada – **localização durativa**. Estes três modos de localização por meios adverbiais são ilustrados, respectivamente, por frases como *o Paulo esteve doente no sábado* (que indica uma coincidência temporal – não se sabe se parcial ou total – entre a doença do Paulo e o sábado anterior à enunciação), *o Paulo escreveu o relatório no dia 11* (que indica a inclusão total do evento de escrita no dia referido) e *o Paulo tocou piano das 2 às 3 da tarde* (que indica um preenchimento total do intervalo entre as 2 e as 3 da tarde com a actividade de o Paulo tocar piano). Na generalidade dos casos em que relações de não-sobreposição – como anterioridade, posterioridade ou intercalação – são marcadas adverbialmente, através de sintagmas com *antes*, *depois* ou *entre*, é defensável uma análise em que esses valores são obtidos por meios inferenciais, estando uma relação de sobreposição associada ao plano da asserção (cf. o já mencionado envolvimento de uma preposição nula com o valor de *em*, nestes casos)⁷. Assim, por exemplo, a frase *o Paulo foi ao Brasil depois de se licenciar* envolve, numa análise possível, uma asserção de sobreposição (entre um evento e um intervalo) – «a ida teve lugar dentro do período após a licenciatura» – donde se infere uma relação de posterioridade (entre dois eventos) – «a ida foi posterior à licenciatura». Quanto à localização por meios discursivos, como já vimos também, envolve diferentes relações (retóricas) entre situações, das quais se podem deduzir relações temporais de anterioridade, posterioridade ou sobreposição (distinguindo-se, neste último caso, dois modos de inclusão, inversos, associados às relações de Elaboração e Enquadramento).

5. A localização temporal complexa

A localização temporal complexa consiste também na associação de entidades (e. g., situações) ao eixo do tempo, mas envolve processos de quantificação sobre os intervalos de localização que resultam numa complexidade acrescida da estrutura, implicando nomeadamente **iteração das entidades localizadas**. É expressa tipicamente através do subsistema adverbial (fre-

⁷ Discutivelmente, uma análise semelhante é válida para estruturas com *mal*, *assim que* e *logo que*, que referem uma relação de posterioridade próxima, ou sequencialidade (*o Paulo pediu uma bebida mal entrou no bar*) – cf. ^{7OK} *A reunião foi marcada para {mal / assim que} o presidente regressasse do Brasil.*

quentemente com conectores preposicionais nulos, com o valor de *em* – cf. Rothstein 1995) e pode ser exemplificada com frases como *o museu encerrou todos os feriados*, *o museu esteve encerrado (em) a maior parte dos feriados* e *o museu encerrou (em) três feriados*. Estes três exemplos envolvem diferentes formas de quantificação – universal, fraccionária e cardinal, respectivamente – sobre os intervalos de localização (feriados)⁸. A estas formas de quantificação há que juntar outros meios de assinalar a multiplicidade de intervalos de localização e, conseqüentemente, a localização temporal complexa, como, por exemplo, o uso de definidos plurais (*o museu esteve encerrado nos sábados em que eu estive em Lisboa*), o uso de singulares genéricos (*o museu encerra ao sábado*, que tem valor próximo de *o museu encerra aos sábados* ou *todos os sábados*) ou, em certos casos, a coordenação copulativa (*o museu esteve encerrado no sábado e na quarta-feira*)⁹. Importa notar que a designação «localização complexa», que aqui adopto, não é usada na literatura, mas é motivada pela proximidade semântica – salientada aliás por diversos autores, como Dowty (1979) ou Kamp e Reyle (1993) – entre estas construções e as tratadas na secção 4. Na literatura, a operação temporal em causa (nomeadamente a que envolve quantificação proporcional – i. e., universal ou fraccionária –, que é geralmente a única referida) é classificada de modos diversos em distintos autores. Sem discutir a questão, referirei apenas que alguns a tratam de modo autónomo – sob a designação de **quantificação temporal** (cf. Kamp e Reyle 1993), por exemplo –, enquanto outros a consideram, sob a etiqueta genérica de **frequência**, em conjunto com a operação que consiste em determinar o número de ocorrências de uma situação por unidade de tempo (como em *o Paulo foi ao cinema três vezes por semana*). Independentemente das designações, importa salientar que a localização complexa e a localização simples são significativamente distintas pelo facto de, na primeira mas não na segunda, a combinação com as expressões adverbiais temporais implicar a **iteração** das situações descritas na estrutura matriz.

⁸ No quadro da Teoria da Representação do Discurso, a localização complexa com estas três formas de quantificação distingue-se da localização simples por envolver condições de localização (do tipo $[e \subseteq t]$) em DRSs subordinadas (no escopo nuclear de condições duplas, no caso da quantificação proporcional, ou em DRSs obtidas por abstracção, no caso da quantificação cardinal). Note-se que no caso limite da quantificação cardinal singular – *o Paulo foi à missa (n) um domingo apenas* – pode não haver iteração das situações localizadas (que têm, em todo o caso, de ser iteráveis).

⁹ Observe-se que, se o intervalo for contínuo, pode não haver iteração da situação representada, caso em que a localização é simples: *o museu esteve encerrado no sábado e no domingo*.

A indução deste valor de iteração é pois o que distingue os localizadores complexos, como *todas as segundas-feiras*, dos localizadores simples, como *a segunda-feira passada* (que não induzem tal iteração, embora possam ser compatíveis com uma estrutura matriz em que este valor é induzido por outros meios). Convém salientar também que a presença de um valor de iteração aproxima este domínio semântico do que envolve atribuição de padrões temporais de repetição (analisado na secção 3). Aliás, como já foi referido, em certos casos, de uma localização complexa pode inferir-se directamente um padrão de repetição. Comparem-se, por exemplo, os localizadores complexos *nos anos bissextos* e *no primeiro dia de cada mês* com as expressões de frequência *de quatro em quatro anos* e *mensalmente*, respectivamente.

Para terminar, importa ainda referir que a localização complexa pode ser entendida numa acepção lata paralela à que acima se adoptou para a localização simples, abrangendo não só relações entre situações e intervalos, exemplificadas no parágrafo anterior, mas também relações entre (pelo menos duas) situações. Nesta acepção, frases com SNs situacionais complemento de preposições temporais, como *o Paulo adoeceu em {três de / todas} as viagens que fez ao Brasil*, ou com orações subordinadas temporais, como *o Paulo adoece sempre que vai ao Brasil*, ilustram igualmente a localização complexa por meios adverbiais. Note-se que no último exemplo ocorre um conector específico da localização complexa (*sempre que*), que marca sempre um valor de quantificação universal (expressando aquilo que Peres, c. p., designa como **correlações entre eventos**). Na maior parte dos casos, porém, verifica-se que as frases com localização complexa integram os mesmos conectores preposicionais ou conjuncionais que a localização simples, como, por exemplo, *em*, *durante* e, discutivelmente precedidos de preposição nula, *quando*, *antes* ou *depois* – *o Paulo adoece quando vai ao Brasil*, *o Paulo toma um comprimido para o enjoo antes de qualquer viagem*, *o Paulo toma sempre café depois de almoçar*. Note-se ainda que o valor de quantificação relevante (universal ou outro) é muitas vezes marcado explicitamente por quantificadores nominais (... *antes de qualquer viagem*), por quantificadores do tipo de *sempre* ou *geralmente* (... *toma sempre café depois de almoçar*) ou por conectores intrinsecamente quantitativos como *sempre que*. Em muitos casos, no entanto, em particular naqueles que envolvem orações subordinadas, a quantificação não apresenta marcadores explícitos, sendo deduzida, por exemplo, do uso de formas verbais com valor genérico (*o Paulo adoece quando vai ao Brasil*). O subtipo de construções que envolve orações subordinadas no adjunto adverbial é o que apresenta maior complexidade linguística, sendo objecto de maior atenção na literatura (cf., e. g., Swart 1993, Carecho 1996).

6. A duração

É a primeira de três áreas que distinguirei neste texto em que as quantidades de tempo têm um papel central (cf. próximas duas subsecções). Expressar a duração de uma entidade (e. g., uma situação) consiste em referir a sua dimensão temporal, associando-lhe uma quantidade de tempo. É exemplificada por frases como *a secretaria esteve encerrada durante meia hora, o assunto foi resolvido em cinco minutos, ausentei-me por cinco minutos ou um terramoto de apenas vinte segundos destruiu praticamente toda a cidade. Entendida neste sentido lato, a duração é uma propriedade não só de situações, que é porventura o sentido que o termo mais comumente assume, mas também de entidades com outros estatutos ontológicos, como intervalos ou objectos comuns, onde os termos «extensão (temporal)» e «idade», respectivamente, são mais correntes – cf. *dias muitos longos, um período de três horas, um edifício com mais de quinhentos anos, uma criança de seis anos. A duração é expressa em português tipicamente por **meios adverbiais** (e adnominais). As **expressões adverbiais de duração** integram normalmente um predicado de quantidades de tempo e um conector de tipo preposicional (e. g., *durante*, *em* e *por*, homónimos de conectores de localização¹⁰). Em certos casos, o operador preposicional pode não ser explicitado, como em *o Paulo dormiu duas horas*. Em posição adnominal, as expressões de duração podem surgir como modificadores ou apostos ligados por preposições específicas deste contexto, como *de* e *com* – *um sismo de vinte segundos*. Nesta posição, podem ainda surgir expressões de duração (vaga) constituídas por predicados adjectivais, que não integram nomes de quantidades de tempo – *um silêncio prolongado, uma pausa breve*. Numa análise possível, são ainda classificáveis como expressões de duração – ancoradas dêictica ou anafórica – alguns sintagmas encabeçados por *há* (ou *havia*), nomeadamente aqueles que integram predicados de quantidades de tempo e não podem coocorrer com a partícula *atrás*. Com efeito, frases como *o Paulo mora em Londres há três meses (*atrás)*, *o Paulo já morava em Londres há / havia três meses (*atrás) quando conheceu a Ana* ou *a permanência das tropas no território há três meses (*atrás) está a ser alvo de contestação* parecem asserir directamente a duração que uma dada situação atingiu num ponto de perspectiva tempo-**

¹⁰ Observem-se exemplos como *o Paulo licenciou-se em 1988, o Paulo estudou muito durante as férias e o Paulo trabalhou pela noite dentro*, em que as preposições sublinhadas encabeçam localizadores temporais.

ral¹¹. Além dos meios adverbiais, a duração pode ainda ser expressa por **meios argumentais**, nomeadamente recorrendo a expressões predicativas complexas construídas com verbos como *durar*, *demorar*, *levar*, ou nomes como *duração*, e predicados de quantidades de tempo argumentais – *a operação durou três horas, resolver o problema levou mais de duas horas*.

A duração interage, naturalmente, com outros domínios semânticos. De entre eles, sobrealça o da *Aktionsart*. Como vimos na secção 2, as expressões de duração não se aplicam, por definição, a descrições de eventos pontuais e, quando aplicadas a eventos impontuais, apresentam formas distintas, ora com a preposição *em* ora com a preposição *durante*, consoante a classe aspectual dos eventos seja télica ou atélica, respectivamente. Por outro lado, as próprias expressões de duração podem determinar a classe aspectual dos constituintes em que se integram, sendo vários os autores que referem o carácter eventivo (impontual) dos sintagmas com expressões de duração, indepen-

¹¹ As expressões temporais com *haver* são ambíguas (sobre esta ambiguidade e os contextos em que emerge cada leitura, cf. Mória 1998): (i) as que podem coocorrer com *atrás* (que são as únicas traduzíveis por expressões com *ago* em inglês) são analisáveis como expressões denotadoras de intervalos, sendo precedidas de um conector de localização nulo quando ocorrem em contexto adverbial: *a ponte data de há três anos (atrás)*, *a ponte ruiu \emptyset_{em} há três anos (atrás)*; (ii) as outras são as que aqui considero poderem veicular directamente um valor de duração: *a ponte está em ruínas há três anos (*atrás)*. Uma análise uniforme destas expressões seria possível, se tivéssemos em conta o carácter verbal de *haver* e o tomássemos como núcleo predicativo binário, com a estrutura argumental HAVER (x, y). Assim, no caso (i) acima, o argumento x, omissivo, denotaria um intervalo: *a ponte data de há três anos* («a ponte data de um período que há/tem [agora] três anos»), *a ponte ruiu \emptyset_{em} há três anos* («a ponte ruiu num período que há/tem [agora] três anos»); no caso (ii), o argumento x seria a própria estrutura matriz, que representa uma situação: *a ponte está em ruínas há três anos* («a situação de a ponte estar em ruínas há/tem [agora] três anos»). Nesta análise, *haver* marcaria sempre (ou extensão) – de intervalos ou situações – por meios argumentais. Note-se que o carácter verbal de *haver* nestas estruturas temporais se manifesta, por exemplo, na possibilidade de combiná-lo com expressões adverbiais como *já* e *ainda não* e na variação de formas *há/havia* em função do contexto temporal. Todavia, o carácter verbal (de *há*) parece estar a perder-se, em prol de um carácter de conector preposicional (justificando a análise simplificada proposta no corpo deste texto), o qual se manifesta, por exemplo, no uso da forma morfológica presente *há* em qualquer contexto temporal, mesmo passado ou futuro (*a ponte ruíra \emptyset_{em} há dois anos*, *a ponte estava em ruínas há dois anos; nessa altura, a ponte já estará em ruínas há dois anos*), e, principalmente, na combinação com *atrás*, incompatível com o valor verbal em causa (note-se que, nesta análise, *há três anos atrás* teria uma paráfrase incongruente: «um período que há/tem [agora] três anos atrás»).

dentemente do valor de base da expressão situacional modificada (cf., e. g., Bach 1981, Nerbonne 1983, Moens 1987). Podem ainda funcionar como comutadores aspectuais, de descrições pontuais, por exemplo – *o Paulo espirrou durante meio minuto*. Um outro exemplo de interacção entre a duração (em conexão com a *Aktionsart*) e outros domínios temporais pode ser dado através de contrastes de gramaticalidade como *o Paulo trabalhou durante dez horas desde o início da semana* e **o Paulo escreveu este relatório em dez horas desde o início da semana*, que ilustram um comportamento distinto face à combinação com sintagmas com *desde* (cf. secção 9).

Por último refira-se ainda que, no subdomínio semântico da duração, a informação implícita tem extraordinária relevância. Com efeito, em muitos casos, a mera localização de uma situação permite inferir informação sobre a duração das situações envolvidas (um limite inferior, no caso das localizações durativas, e um limite superior, no caso das inclusivas). Veja-se, por exemplo, que da frase com localização durativa *o Paulo morou em Londres do princípio de Janeiro ao princípio de Julho* se infere que o estado durou (pelo menos) seis meses e que da frase com localização inclusiva *o Paulo escreveu este conto em Agosto* se infere que o evento se completou em menos de um mês. A distinção entre **duração asserida** e **duração inferida** permite resolver alguns problemas de categorização mencionados na literatura, nomeadamente, permite classificar como meros localizadores temporais expressões que alguns autores classificam como **expressões ambivalentes de duração e localização**, como *durante os últimos três meses, de Janeiro a Junho, das 2 até às 3* ou *desde Janeiro* (cf. Mória 2000).

7. A expressão de distâncias temporais entre entidades

A expressão de distâncias temporais consiste em identificar a quantidade de tempo que separa duas entidades (e. g., duas situações, dois intervalos ou um intervalo e uma situação), ou seja, a «duração», no sentido lato referido acima, do intervalo entre elas (cf. considerações sobre estas estruturas em Mória e Alves 2000). Trata-se, pois, de uma área de significação bastante próxima da anterior, e bem assim da localização temporal simples, mas que possivelmente importa tratar de forma autónoma. É ilustrada por frases como *entre o lançamento do telescópio espacial e a recepção das primeiras imagens mediaram cerca de três semanas, apenas três semanas separam a abertura do concurso da publicação dos resultados ou a inauguração da ponte precedeu em três semanas a realização das eleições autárquicas*. Nestas estruturas, o valor semântico em causa

é expresso por **meios argumentais**, nomeadamente recorrendo a verbos como *mediar*, *separar* ou *preceder (em)* e predicados de quantidades de tempo argumentais. Outros verbos que comumente veiculam este valor são *fazer* e *passar*: *o telescópio espacial foi lançado faz agora/amanhã três anos, faz amanhã três anos que o telescópio espacial foi lançado, já passaram três anos sobre o lançamento do telescópio espacial*. O verbo *passar* é muitas vezes usado em estruturas participiais (*passadas três semanas sobre o lançamento do telescópio espacial, receberam-se as primeiras imagens*), frequentemente associadas a anáfora, em sequências discursivas (*O telescópio espacial foi lançado no dia 10. Passado /passadas três semanas, receberam-se as primeiras imagens*). Repare-se que a forma invariável *passado* que ocorre neste último exemplo parece indiciar um comportamento adverbial da expressão sublinhada, com *passado* a funcionar como conector de tipo preposicional, comparável a outros, típicos da marcação de valores deste domínio, como *ao fim de* e *após (X-TEMPO)*. A marcação de distâncias temporais pode também ser veiculada – discutivelmente por inferência – através de localizadores adverbiais (simples) contendo expressões denotadoras de intervalos que medem tempo a partir de pontos de ancoragem, como *há três semanas, daqui a três semanas* ou *três semanas antes das eleições autárquicas*¹². Repare-se, por exemplo, que a frase *a ponte ruiu há três semanas* implica que três semanas medeiam entre o presente e o colapso da ponte e *a ponte foi inaugurada três semanas antes das eleições autárquicas* que três semanas decorreram entre a inauguração e as eleições.

No que respeita a esta área de significação, importa ainda notar que a distância em causa pode ser expressa não só através de quantidades de tempo, como nos exemplos já apresentados, mas também através de unidades discretas temporalmente ordenadas, como nos exemplos *três domingos (apenas) mediarão entre a primeira ida do Paulo ao estádio e a sua inscrição na claqué do clube* e *o Paulo tinha mostrado interesse sobre este assunto muitas aulas antes de o professor anunciar os temas dos trabalhos*.

¹² O próprio processo de identificação de intervalos envolvido nestes sintagmas implica determinar a distância que separa dois intervalos: aquele que é denotado pela expressão no seu todo e o ponto de ancoragem temporal. Assim, a expressão *há três semanas*, por exemplo, pode ser parafraseada como «o intervalo que precede em (aproximadamente) três semanas o momento da enunciação».

8. A quantificação de medição temporal (sobre situações)

Este domínio de significação aproxima-se dos dois anteriores por envolver centralmente predicados de quantidades de tempo, mas importa não confundí-lo com eles. Trata-se aqui meramente de uma subárea da quantificação (de medição), que consiste em determinar partes não-estruturais temporais de entidades, em especial de situações (cf. Peres 1992). Esta forma de quantificação ocorre em sequências como duas horas de viagem num autocarro cansam imenso, meia hora de espera numa fila parece-me intolerável, foram quarenta segundos de angústia ou após três horas de voo, o Paulo começou a ficar cansado. É naturalmente comparável com outras formas de quantificação de medição, como as que envolvem capacidade (*dois litros de vinho*), comprimento (*dois metros de estrada*) ou peso (*dois quilos de fruta*) de entidades massivas.

9. A delimitação temporal da quantificação

Considero que a operação que consiste em estabelecer uma limitação temporal à quantificação sobre entidades (e. g., situações) permite definir uma área específica de significação (embora tal estatuto de autonomia não lhe seja comumente conferido na literatura). Pode envolver estruturas com propriedades linguísticas distintas, consoante a delimitação temporal corresponda (i) a um **intervalo** específico, (ii) a uma dada **quantidade de tempo** ou (iii) a um determinado tipo de **unidade de tempo**. Temos exemplos de limitações temporais de cada um desses tipos, respectivamente, nas frases *o ministro foi ao Parlamento três vezes a semana passada*, *o ministro foi ao Parlamento dez vezes em semana e meia* e *o ministro foi ao Parlamento duas vezes por semana*¹³. Como se pode verificar, em todas estas frases existe contagem do total

¹³ Note-se que esta predicação, que envolve quantificação (sobre situações) dependente de uma unidade de tempo, pode – como outras – ser objecto de outras operações temporais, como a localização temporal simples ou a marcação da duração: *o ministro foi ao Parlamento duas vezes por semana (durante cerca de ano e meio) (em 1998)*. A localização temporal adverbial parece especialmente importante neste caso, visto que, se a predicação com este tipo de quantificação não tiver um carácter habitual (como em *o ministro costuma ir ao Parlamento duas vezes por semana*), parece requerer-se sempre a presença (expressa ou subentendida) de um intervalo de localização: *o ministro foi ao Parlamento duas vezes por semana no período x*.

de situações de um determinado tipo (idas do ministro ao Parlamento) que ocorreram dentro de um limite temporal. O valor semântico expresso nas construções de tipo (iii) – razão entre número de ocorrências e unidade de tempo – é um valor de **frequência**. Aqui, integro estas estruturas no domínio da secção 9 porque me parece defensável uma análise composicional das mesmas envolvendo uma contagem de situações (expressa no exemplo acima por *duas vezes*) cujo resultado depende directamente da unidade temporal considerada (expressa pelo nome *semana*). Neste aspecto, estas estruturas distinguem-se de outras, já mencionadas na secção 3, em que as asserções de frequência são feitas de forma genérica através de sintagmas como *frequentemente*, *muito* ou *raramente* e onde, portanto, a delimitação temporal não é representada de forma autónoma através de uma expressão adverbial (como *por semana*). O subtipo de estruturas em apreço apresenta diversas particularidades que o distinguem dos tipos (i) e (ii) e que não é possível aqui analisar. Refiro apenas, a título de exemplo, a possibilidade de se combinar com formas verbais de sobreposição, associando-se a um valor habitual (*o ministro vai ao Parlamento duas vezes por semana*), e com expressões de duração encabeçadas por *durante* (*o ministro foi ao Parlamento duas vezes por semana durante alguns meses*). Estas duas propriedades parecem apontar para o carácter atélico de estruturas predicativas complexas resultantes da aplicação dos sintagmas de contagem e de delimitação temporal (como *ir ao Parlamento duas vezes por semana*). Outra diferença assinalável é a incompatibilidade com certas formas de quantificação sobre situações, que referirei adiante (cf. penúltimo parágrafo desta secção). Quanto às estruturas de tipo (i) e (ii), a literatura não as distingue dos casos de **localização simples** e **duração**, respectivamente. Em outros trabalhos, tive oportunidade de justificar a importância de tratar de modo distinto as construções de tipo (i), que designei – usando abusivamente o termo «localização» – de **localização inclusiva totalizante** ou «**full-scanning**» (cf. Mória 2000). A diferença entre a localização inclusiva simples (tratada na secção 4) e a delimitação temporal da quantificação (objecto de análise nesta secção) manifesta-se, por exemplo, no facto de certos sintagmas poderem efectuar a segunda mas não a primeira destas operações. Em português, é o que acontece com os que sintagmas encabeçados por *desde* – **o trapezista deslocou o braço desde 1995 vs. o trapezista deslocou o braço três vezes desde 1995*. Assim, estes sintagmas distinguem-se da generalidade dos localizadores temporais, que podem cumprir ambas as funções (o que aliás dificulta a destrinça das duas operações): *o trapezista deslocou o braço em 1995* (localização simples) vs. *o trapezista deslocou o braço três vezes em 1995* (delimitação da quantificação). Uma diferença semântica crucial entre as duas estruturas é a dependência que se estabelece – no segundo

caso – entre a situação descrita na estrutura matriz e o intervalo associado à expressão adverbial. Em frases com localização (inclusiva) simples, a situação é descrita de modo autónomo pela estrutura matriz (*o trapezista deslocou o braço*); conseqüentemente, o alargamento do intervalo de localização nunca afecta o valor de verdade da asserção: *o trapezista deslocou o braço em 1995* implica *o trapezista deslocou o braço na década de 90*. Já em frases com delimitação temporal da quantificação, a situação (complexa) descrita na estrutura matriz (*o trapezista deslocou o braço três vezes*) depende directamente do limite temporal fixado pela expressão adverbial; por isso, não é legítimo inferir de *o trapezista deslocou o braço (apenas) três vezes em 1995* que *o trapezista deslocou o braço (apenas) três vezes na década de 90*¹⁴.

O tipo de dependência entre situações e intervalos que acabei de descrever é fundamental para delimitar a área de significação em análise. Com efeito, qualquer dos três tipos de estruturas identificados acima envolve referência a uma **totalidade de eventos ocorridos dentro de um limite temporal** (ou, em termos técnicos, uma «abstracção sobre subeventos» que têm, entre outras, a propriedade de ocorrer dentro dos limites temporais relevantes¹⁵). O envolvimento destes **eventos máximos** parece-me ser, pois, o factor unificador e distintivo desta área de significação temporal.

Todos os exemplos dados até agora envolvem contagem explícita de situações, expressa através de sintagmas como *três vezes*. Convém notar, marginalmente, que esta contagem não é, só por si, uma operação temporal (embora alguns autores classifiquem sintagmas como *três vezes* como expressões de frequência), mas, dado que ela não é geralmente dissociável do limite temporal da contagem – seja ele um intervalo específico, uma quantidade de tempo ou um tipo de unidade temporal –, acaba por ser importante funda-

¹⁴ Naturalmente, este tipo de inferência é condicionado por propriedades de monotonia das expressões envolvidas. No entanto, como mostrei em Mória (2000), as duas leituras em análise podem ocorrer com o mesmo tipo de quantificadores. Considerem-se os exemplos seguintes (com *três* interpretado sempre como *exactamente três*): *o Paulo escreveu três livros em 1995* [delimitação da quantificação], que não implica *o Paulo escreveu três livros na década de 90*, e *o Paulo ofereceu este quadro a três amigos em 1995* [localização simples], que implica *o Paulo ofereceu este quadro a três amigos na década de 90*. Obviamente, no segundo exemplo, é assumida a leitura mais natural, em que *três amigos* é interpretado grupalmente (o que mostra que a interpretação distributiva ou grupal de SNs pode determinar a leitura relevante da frase).

¹⁵ As estruturas do tipo (iii), com *por*, distinguem-se, nos termos técnicos da Teoria da Representação do Discurso, pelo facto de a abstracção se fazer numa DRS encaixada (escopo nuclear de uma condição dupla).

mentalmente no âmbito da semântica temporal¹⁶. A contagem explícita de eventos é, no entanto, apenas uma das manifestações possíveis da **quantificação sobre situações** que ocorre nas construções relevantes para esta secção. Na realidade, esta pode assumir outras formas, surgindo, por exemplo, em estruturas com: (i) **quantificação sobre objectos** da qual se pode inferir quantificação sobre situações (i. e., associada a leituras distributivas ou cumulativas, mas não grupais; cf. nota 14) – *o ministro fez três discursos {desde a semana passada / em semana e meia / por semana}*; (ii) **quantificação massiva** – *a empresa construiu trinta metros de auto-estrada {desde a semana passada / em semana e meia / por semana}*; (iii) **quantificação temporal sobre situações atélicas** – *o ministro esteve no Parlamento mais de trinta horas {desde a semana passada / em semana e meia / por semana}*. Estas estruturas – bem como as que integram quantificadores directos sobre situações, do tipo de *três vezes* – têm em comum o facto de estarem associadas a uma possível multiplicidade de eventos. Na realidade, todas elas envolvem referência a um evento máximo do tipo já referido, ou seja, o conjunto de todas as situações que simultaneamente correspondem ao conteúdo predicativo relevante (expresso na estrutura matriz) e estão dentro do limite temporal imposto pela expressão adverbial.

Existem ainda outras formas de marcar o envolvimento de uma soma de situações com estas características, como sejam, por exemplo: (i) a coordenação copulativa, associada a uma implicatura de exaustividade, como em *o Paulo leu «Os Maias», «A Relíquia» e «O Mandarin» desde a semana passada*, ou *numa semana e meia*, *o Paulo leu «Os Maias», «A Relíquia» e «O Mandarin»*; (ii) a aplicação de operadores de exclusão, como em *o Paulo só leu «Os Maias» desde a semana passada*, ou *numa semana e meia*, *o Paulo só leu «Os Maias»*; (iii) a integração em modificadores de SNs plurais, como em *os livros que o Paulo leu {desde a semana passada / numa semana e meia}*; (iv) o recurso a numerais ordinais, como em *este é o terceiro livro que o Paulo lê {desde a*

¹⁶ Muitas vezes, o limite temporal é definido contextualmente (*A semana passada o Paulo divertiu-se imenso. Foi ao cinema três vezes.*) ou é deduzido, possivelmente como implicatura (*o Paulo (já) foi ao Brasil três vezes*, onde, na ausência de outra informação, se deduz o limite máximo – toda a vida do Paulo – em conformidade com a Máxima da Quantidade). Note-se que, em algumas estruturas, sintagmas como *três vezes* podem servir como «caracterizadores de situações (atómicas) complexas», não envolvendo o tipo de quantificação temporalmente circunscrita de que aqui nos ocupamos – e. g., *a senha para entrar era piscar o olho três vezes* (em que, discutivelmente, piscar o olho três vezes, situação complexa, é tomada, para efeitos de representação discursiva como um evento atómico).

semana passada / numa semana e meia }. Curiosamente, e por razões que não tentarei aqui identificar, nestes contextos não é possível utilizar sintagmas de delimitação temporal com *por*. Na realidade, estas estruturas possuem propriedades linguísticas específicas e algo complexas, que requerem um estudo mais aprofundado em lugar próprio. Note-se ainda, para terminar, que a quantificação temporalmente circunscrita pode envolver não só somas de eventos, mas também somas de intervalos ou de indivíduos comuns, como em *todos os fins-de-semana desde o início do ano* e *todos os Presidentes da República desde 1910*, respectivamente.

Em suma, o subdomínio de significação em análise distingue-se por envolver referência a um objecto plural, soma de todas as entidades que, entre outras propriedades, obedecem a um determinado parâmetro temporal (expresso adverbialmente). Este processo de referência consubstancia, só por si, a quantificação temporalmente delimitada. O objecto plural em causa pode ser alvo de diferentes tipos de predicacões, como a determinação do número dos seus membros (em frases do tipo *X três vezes desde Y*) ou da sua extensão temporal (em frases do tipo *X durante três horas desde Y*); pode também ser objecto de predicacão não quantificacional, como em *todos os presidentes desta empresa desde há seis anos são licenciados em Economia*.

10. Considerações finais

Algumas das áreas de significação aqui identificadas – como a referência temporal e a estrutura temporal de entidades (nomeadamente a *Aktionsart*) – envolvem em grande medida **propriedades temporais intrínsecas** de expressões lexicais. Noutras, os valores temporais relevantes emergem essencialmente da combinação de expressões, frequentemente com intervenção de operadores ou conectores, ou seja, como resultado de **operações temporais**. Com esta designação genérica – em que «operação» é usada num sentido informal e não com o valor que tem em Matemática – pretendo cobrir um conjunto diversificado de relações em que intervêm entidades de tipo temporal (i. e., intervalos ou quantidades de tempo), as quais, na maior parte dos casos, envolvem ainda directamente situações. A localização, a duração, a comutação aspectual, a atribuição de um padrão de repetição, a delimitação temporal da quantificação são exemplos destas operações.

Naturalmente, num enunciado podem ocorrer **combinações de operações temporais**. Esta é aliás a situação mais comum, dado que pelo menos a localização temporal e a atribuição de um padrão temporal são praticamente

omnipresentes – toda a frase com um verbo flexionado envolve uma localização temporal, sendo-lhe atribuído um «modo de realização temporal», episódico ou de outro tipo, em função do material que contém. Vejamos alguns exemplos de multiplicidade de operações temporais numa mesma frase, que evidenciam a complexidade das interacções envolvidas: *o Paulo esteve a trabalhar de noite durante cerca de cinco horas no fim-de-semana passado; este atleta correu os cem metros em menos de dez segundos seis vezes este ano; habitualmente, o Paulo vai ao cinema à noite duas vezes por semana; o Paulo foi ao cinema três vezes por semana durante o período de férias; até há pouco tempo, o Paulo corria todos os dias durante uma hora pela manhã antes de ir para o emprego*. A delimitação e caracterização dos subdomínios de significação relevantes para descrever o sistema temporal gramatical, e bem assim o estudo das interrelações entre eles, é uma das tarefas principais da semântica temporal. Além dela, importa ainda considerar, numa perspectiva mais abrangente, as **interacções entre subdomínios temporais e domínios não estritamente temporais**, como sejam, entre possivelmente muitos outros, o da quantificação (sobre objectos) e o da causalidade. A importância da quantificação no domínio temporal já foi referida em diferentes pontos deste texto. Quanto à relevância da causalidade, reflecte-se, por exemplo, na localização adverbial, em construções como *o Paulo está maldisposto desde que bebeu o vinho*, onde a localização não é estritamente durativa, ao contrário do que é comum na combinação de frases estativas com *desde*, dada a possível existência de um hiato temporal entre os dois acontecimentos descritos (por estes estarem causalmente relacionados). Reflecte-se ainda no domínio da localização por meios discursivos, onde a causalidade pode inverter o sentido temporal, normalmente progressivo, do discurso – *O Paulo ficou maldisposto. Bebeu vinho ao almoço*.

Numa outra dimensão, importa ainda equacionar a relevância no domínio temporal de fenómenos linguísticos que afectam múltiplas áreas de significação, como sejam o das **dependências referenciais dêicticas e anafóricas**, particularmente importantes neste domínio, e o da **informação implícita** (i. e., não asserida, mas antes deduzida ou pressuposta). Consideremos estes dois aspectos muito sucintamente.

As dependências referenciais, dêicticas ou anafóricas, no domínio do tempo têm uma importância crucial. Entre outros factos que atestam esta importância, refiram-se: a preeminência do momento de enunciação (entidade dêictica por excelência), ponto de perspectiva privilegiado que define as esferas do presente, passado e futuro para que os tempos verbais remetam; a relevância do ponto de perspectiva presente, bem como de outros pontos de

perspectiva, passados e futuros, frequentemente definidos anaforicamente no discurso, para caracterizar os tempos verbais; a relevância de pontos de referência temporal – também definíveis por processos de tipo anafórico – necessários para caracterizar as estruturas narrativas dos textos; o papel destacado de expressões lexicais dêicticas e anafóricas, simples ou complexas, como *hoje, amanhã, daqui a três meses, entretanto, então* ou *essa altura*.

Quanto à informação temporal implícita, seja do âmbito da pressuposição, da inferência ou das implicaturas conversacionais, assume também um lugar fulcral no processamento do discurso. Refiro apenas dois exemplos simples: a necessidade de recorrer a informação não asserida para o pleno processamento de muitas frases contendo duas das expressões temporais mais comuns da língua, *já* e *ainda*; a verificação, aliás já feita anteriormente, de que uma parte considerável da informação temporal, em diferentes subdomínios de significação, é frequentemente transmitida por meios inferenciais – e. g., *o Paulo tocou piano das 3 às 5* (localização asserida) implica que o Paulo tocou piano durante duas horas (duração inferida), *o Paulo muda de carro todos os Verões* (localização complexa asserida) implica que o Paulo muda de carro anualmente (padrão de repetição inferido). Acentue-se que este último facto é bastante importante na tarefa de definir a correspondência entre os diferentes subdomínios temporais de significação (por exemplo, os identificados neste texto) e os marcadores linguísticos que numa língua específica lhes estão associados.

Para terminar, retomo a consideração feita inicialmente de que, em certos casos, é difícil traçar com precisão os limites das várias áreas de significação, estando uma visão mais consolidada das questões categoriais dependente dos avanços do conhecimento nesta área. As divergências acentuadas entre autores, no que respeita a aspectos taxinómicos, evidenciam aliás de modo bastante expressivo essa dificuldade. Assim, a proposta contida neste texto, que diverge em vários aspectos de outras existentes na literatura, assume-se essencialmente como uma hipótese de trabalho, mais elaborada nuns aspectos que noutros, cujo aperfeiçoamento remeto para pesquisa posterior.

REFERÊNCIAS

- BACH, Emmon, 1981: «On Time, Tense, and Aspect: an Essay in English Metaphysics», in P. Cole (ed.), *Radical Pragmatics*, Academic Press, New York, 63-81.
- CARECHO, Judite: 1996, *Sobre a Semântica das Construções com quando*, dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- CARLSON, Greg: 1977, *Reference to Kinds in English*, Ph.D. thesis, University of Massachusetts, Amherst.
- DOWTY, David: 1979, *Word Meaning and Montague Grammar*, D. Reidel, Dordrecht.
- EBERLE, Kurt: 1998, «The Influence of Plural NPs on Aktionsart in DRT», in Fritz Hamm and Erhard Hinrichs (eds.), *Plurality and Quantification*, Kluwer Academic Publishers, Dordrecht, 55-111.
- GAREY, H. B.: 1957, «Verbal Aspect in French», *Language* **33**, 91-110.
- KAMP, Hans e Uwe Reyle: 1993, *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*, Kluwer, Dordrecht.
- KLEIN, Wolfgang: 1994, *Time in Language*, Routledge, London / New York.
- LASCARIDES, Alex e Nicholas Asher: 1993, «Temporal Interpretation, Discourse Relations and Common Sense Entailment», *Linguistic and Philosophy* **16**, 437-493.
- MILSARK, G.: 1977, «Toward an Explanation of certain Peculiarities of the Existential Construction in English», *Linguistic Analysis* **3**, 1-29.
- MOENS, Marc: 1987, *Tense, Aspect and Temporal Reference*, Ph.D. thesis, University of Edinburgh (reproduced by the Centre for Cognitive Science, University of Edinburgh).
- MÓIA, Telmo: 2000, *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*, dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- MÓIA, Telmo e Ana Teresa Alves: 2000, «Sobre a Expressão de Distâncias Temporais no Português Europeu e do Português Brasileiro», *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (1.º Colóquio Português Europeu e Português Brasileiro – Unidade e Diversidade na Passagem do Milénio – PEPB-2000)*, Lisboa, APL, 2001, 699-713.
- NASCIMENTO, M. Fernanda Bacelar, M. Lúcia Marques e M. Luísa Cruz: 1987, *Português Fundamental. Volume Segundo. Métodos e Documentos. Tomo Primeiro. Inquérito de Frequência*, INIC/CLUL, Lisboa.
- NERBONNE, John, 1983: *German Temporal Semantics: Three-dimensional Tense Logic and a GPSG Fragment*, Ph.D. thesis, The Ohio State University.
- PERES, João Andrade: 1992, «Questões de Semântica Nominal», *Cadernos de Semântica* **1**, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- , 1993, «Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft)», *Cadernos de Semântica* **14**, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- , 1998, «Elementos sobre a Semântica do Tempo em Português», in Peres, J. A. (org.), *Representação Semântica e Inferência - Tempo e Conexões Discursivas* (PCSH/C/LIN/936/95). *Materiais sobre Tempo e Modo* (deliverable Fase 2 / M-1), Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- REICHENBACH, Hans: 1947, *Elements of Symbolic Logic*, Macmillan, New York.

- ROTHSTEIN, Susan: 1995, «Adverbial Quantification over Events», *Natural Language Semantics* **3**, 1-31.
- SWART, Henriëtte de: 1993, *Adverbs of Quantification. A Generalized Quantifier Approach*, Garland Publishing, Inc., New York/London (publicada originalmente como dissertação de doutoramento da autora, Rijksuniversiteit Groningen, 1991).
- VENDLER, Zeno: 1967, *Linguistics in Philosophy*, Cornell University Press, Ithaca, New York.
- VERKUYL, Henk: 1972, *On the Compositional Nature of the Aspects*, Ph.D. thesis, University of Utrecht (published by D. Reidel, Dordrecht).
- , 1993, *A Theory of Aspectuality. The Interaction between Temporal and Atemporal Structure*, Cambridge University Press, Cambridge.
- VLACH, Frank: 1993, «Temporal Adverbials, Tenses and the Perfect», *Linguistics and Philosophy* **16**, 231-283.